



## EDITORIAL

A região da Guerra do Contestado, localizada na divisa entre os estados de Santa Catarina e Paraná, no Sul do Brasil, foi marcada profundamente por um dos maiores conflitos bélicos ocorridos em solo brasileiro e da América Latina - a Guerra do Contestado, 1912/1916. A guerra, dentre outros fatores, foi caracterizada por uma luta pela terra, onde os projetos expansionistas militares e a necessidade de se explorar a região para obtenção de madeira para suprir as necessidades da Lumber, uma indústria madeireira de capital estadunidense, que acabara de se instalar na região, fora um dos estopins do conflito, tendo a EFSPRG (Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande) como uma das marcas e permanências no território-paisagem secular do Contestado.

São pouco mais de cem anos de dor, da dor da culpa imposta pelas oligarquias vencedoras, da dor da pobreza que domina parte considerável da população herdeira da expulsão das suas terras ancestrais. Mas o Contestado existe na cultura cabocla, herdada desde tempos imemoriais. Passados mais 100 anos, não há mais dúvidas de que a Guerra do Contestado se constitui como um crime contra a humanidade, um crime de guerra, um crime de genocídio, pela simples constatação dos atos desumanos cometidos contra o povo caboclo. Um crime que segue até os dias atuais, quando a população do Contestado vive a guerra pela vida, pela terra e pela comida. Não deve haver dúvida de que o crime de guerra e de genocídio cometido contra a população cabocla do Contestado, no sertão de Santa Catarina e do Paraná, foi de lesa-humanidade e, portanto, imprescritível pois, são crimes contra a humanidade, o assassinato, o extermínio, a escravização, a deportação e qualquer outro ato desumano contra a população civil, ou a perseguição por motivos religiosos, raciais ou políticos, quando esses atos ou perseguições ocorram em conexão com qualquer crime contra a paz ou em qualquer crime de guerra. Desta forma, à luz desse preceito, a Guerra do Contestado marcada pelos assassinatos em massa, pelo extermínio, pela perseguição, pela violação do corpo (estupros), pelo bombardeio de igrejas repletas de caboclos e caboclas,

pelo cerco gerador da fome em Santa Maria, pela cremação de cadáveres para eliminação das provas etc., é de fato, um crime de guerra.

A Guerra do Contestado, enquanto crime contra a humanidade, pode ser entendida como sendo fato repleto de dinâmicas sobre o território e, em uma relação espaço-tempo de longa duração considerando a temporalidade reocupacional do atual território nacional, traz no seio daquela sociedade, uma vasta gama de objetos e relíquias que demonstram e comprovam uma sociedade de longa duração desde mais de um século antes da guerra, assim como, numerosos sítios geohistóricos com depositário de fragmentos dos quatro anos de guerra civil, registrada por meio de trincheiras, carneiras de soldados e de caboclos, vilas queimadas por ação de bombardeios, rotas de fuga, rota de deslocamentos militares, valas comuns com centenas de mortos, etc., além da memória regional, com suas muitas interpretações sobre o que se viveu secularmente no Contestado – antes, durante e depois da guerra.

Fragmentos do mundo vivido no Contestado, na região, são trazidos pelos autores e autoras nesse número da Revista **Geographia Oportune Tempore**, tratando-se de um conjunto de textos reflexivos e em diversas temáticas e estimulantes leituras feitas à luz das teorias geográficas e de áreas afins sobre essa região negligenciada pelas Ciências Humanas e Sociais. Esse é o **Volume 5, Número 3 do ano de 2019**, que mantém contínuos volumes anuais, contribuindo para ampliar o horizonte geográfico brasileiro, mesmo que seja a partir de uma região invisibilizada e silenciada.

Para tanto, o artigo de autoria de **Elisângela Costa de Araujo**, intitulado **“CONTESTADO: UM TERRITÓRIO EM RECONSTRUÇÃO NOTAS SOBRE A EXPERIÊNCIA DO PROJETO LAR LEGAL NO ESTADO DE SANTA CATARINA”** discorrer sobre os desafios e resultados obtidos na implementação do Projeto Lar Legal, concebido pelo Tribunal de Justiça do Estado de Santa Catarina, frente à problemática da informalidade habitacional no território urbano; tomando por referência 16 municípios atendidos entre o período de 2011-2016, dentre eles Lebon Régis, município pertencente a região do Contestado.

Já, o artigo denominado **“A DESCENTRALIZAÇÃO DA POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL NO MUNICÍPIO DE MATOS COSTA/SC”** tem autoria de **Paloma Andressa Xavier de Paula**, traz apontamentos a respeito do processo de descentralização da política social no Brasil, com ênfase na assistência social do município

de Matos Costa/SC. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, realizada a partir de revisão bibliográfica, visita de campo e pesquisa documental.

A autora **Cristiane Paes de Camargo** nos brinda com o artigo intitulado **“A AGRICULTURA FAMILIAR E O DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO NO MUNICÍPIO DE MATOS COSTA-SC”** busca evidenciar o desenvolvimento do município de Matos Costa, sendo esta parte do território da Guerra do Contestado, e como a agricultura familiar desenvolvida nos assentamentos do MST tem contribuído para o seu desenvolvimento socioeconômico.

**Fernando Monteiro** traz um assunto interessante com o artigo **“A GUERRA DO CONTESTADO: FÉ, CORAGEM E RESISTÊNCIA FRENTE AO CORONELISMO E À LÓGICA CAPITALISTA”** traça uma abordagem que conjuga quatro importantes fatores para o entendimento do conflito: coronelismo; messianismo; resistência e lógica capitalista.

A discussão patrimonial é o tema abordado por **Dominique Antoine** e **Wagner Roberto Do Amaral** no artigo **“TERRITÓRIO E PATRIMÔNIO NA REGIÃO DO ESTADO CONTESTADO”**, analisam a não-patrimonialização da herança da população cabocla pelos governos dos estados do Paraná e Santa Catarina, bem como do governo federal. Surge do questionamento sobre as características da relação entre o patrimônio e o território, na compreensão de que são dois elementos consubstanciais e inseparáveis.

Com o objetivo de analisar as Políticas Sociais, **Ana Claudia Vieira Martins** traz o artigo **“O CONTESTADO, SEU TERRITÓRIO, A POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL: UM OLHAR SOBRE A GESTÃO”**, descreve as percepções e apreensões no contexto vivenciado à luz dos conceitos de território, visando sobretudo, coadunar a experiência da viagem a campo no Contestado com o olhar na gestão das Políticas Sociais, dando ênfase à Política de Assistência Social.

**Julia Ramalho Rodrigues** e **Afrânica Hemanuely Castanho Duarte** relatam sobre a importância dos atores sociais lebon-regenses. Para tanto apresentam no artigo **“CONSTRUINDO A HISTÓRIA NÃO OFICIAL: A IMPORTÂNCIA DOS ATORES SOCIAIS PARA SE PENSAR O TERRITÓRIO DE LEBON RÉGIS/SC”**, pensar os usos do território de Lebon Régis-SC a partir da ótica do povo caboclo na tentativa de refletir sobre os desafios de construir políticas sociais territorializadas. Para tal, foi utilizada uma combinação de pesquisa bibliográfica sobre o município de Lebon

Régis-SC e seu povo caboclo com observações realizadas em um trabalho de campo no território em questão.

A gestão das políticas de assistência social e de políticas sociais são debatidas no trabalho feito por **Soraya de Paula Garcia de Campos**, no artigo **“LEBON RÉGIS: UMA APROXIMAÇÃO COM A POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E A GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS”**, reflete a partir desses pressupostos, o planejamento e a execução da política no município de Lebon Régis. Pontua-se que a aproximação com o município se deu por trabalho de campo que objetivou conhecer a cultura e a história de alguns municípios que compõem o Vale do Contestado, local que foi palco da guerra sangrenta no século passado.

**Bruna Mieko Sato** e **Ana Paula Gracindo** debatem a **“A HISTÓRIA DA GUERRA DO CONTESTADO VIVIDA E CONTADA PELOS CABOCLOS”**, expor a história da Guerra do Contestado, suas motivações, a luta de classes, o combate por domínio de terras, o movimento messiânico em torno de João Maria, a violência praticada e legitimada pelo Estado e os reflexos deste acontecimento sentidos atualmente na região.

A identidade cabocla é a base do estudo sobre microemancipação feito por **Sergio Ricardo Vitiello** e **Amanda Keren Frois** no artigo **“O RESGATE DA IDENTIDADE CABOCLA NO TERRITÓRIO DA GUERRA DO CONTESTADO COMO UMA ESTRATÉGIA DE MICROEMANCIPAÇÃO”**, analisam, a partir da Teoria do Território e da Teoria Crítica, da luta histórica do povo caboclo remanescente da Guerra do Contestado para reaver a sua identidade perdida, manchada pela imprensa e pelos políticos influenciados pelo interesse do capital, que subjuga as minorias para legitimar sua expropriação e exploração. A partir da Teoria do Território identificamos que o povo caboclo que vivia por gerações na região disputada pelos estados do Paraná e de Santa Catarina, no início do século XX, foi submetido a um processo de desterritorialização imposto pelo capital internacional e reforçado pelo poder local dos “coronéis”. Este povo viu sua existência ameaçada quando foi expulso de forma ilegal e imoral de suas terras, sendo este um dos motivos que desencadearam a sangrenta guerra que se estendeu por quatro anos.

A religiosidade popular enquanto luta e resistência da cultura cabocla é analisada por **Eliane Farias da Silva** e **Daiane Cirilo de Souza** no artigo **“RELIGIOSIDADE POPULAR, LUTA E RESISTÊNCIA: LEGADO CULTURAL QUE PERDURA HÁ 100 ANOS”**, analisam os aspectos culturais da religiosidade popular, ligadas a crença nos Monge João Maria, e suas relações enquanto forma de luta e resistência para preservar a

identidade territorial. Através das imagens apresentadas dos espaços sagrados, procura-se refletir como essas influências religiosas seculares, estão presentes na atualidade e se perpetuaram através da transmissão da cultura oral. Este artigo é resultado de pesquisa bibliográfica e trabalho de campo. Apresenta o conceito de território ligado as diversas relações que o compõem, na qual, opondo-se ao de poder hegemônico, conseqüentemente se desdobra em formas de luta e resistência.

O legado cultural na região do Vale do Contestado, em especial, de um povo que busca em sua luta e participação no seu território, relembrar e manter a tradição do grande genocídio ocorrente nos estados do Paraná e Santa Catarina. Mais de 100 anos de história, ainda traz um povo marcado em suas atitudes e simbolismos. A resistência de municípios interligados e o esquecimento de todo um País, são abordados por **Eliane Farias da Silva, Daiane Cirilo de Souza e Sandra Maria Almeida Cordeiro** no artigo **“O LEGADO CULTURAL NA REGIÃO DO CONTESTADO”**, analisam a história de perseguição atual, envolvendo relações de poder, o cotidiano das pessoas e sua vivência contemporânea, que está intrinsecamente envolvida com várias gerações. Um povo que traz em seu cotidiano, o simbolismo retratado em suas falas. Assim este artigo retrata através de referências bibliográficas, e trabalho de campo, a vivência de uma viagem até o Vale do Contestado, a relação de conflitos e poder no território, que tem sido cultuado ao longo de décadas, sendo lembrados por seus descendentes e sucessores, de geração em geração, até conquistarem sua verdadeira identidade histórica.

Essa coletânea de artigos que versam sobre a realidade vivida por cidadãos e cidadãs da Região da Guerra do Contestado, entram no processo de resistência e luta pela coexistência da Civilização Cabocla originária do sertão catarinense e paranaense. Gente que sobreviveu ao morticínio genocida da Guerra do Contestado e vive, nesse momento da história. Lutando pelo direito de seguir existindo no seu território ancestral.

Nos últimos meses, todo um processo de desertificação social cabocla se montou sobre a região do Contestado, fatos que geraram e estão gerando grande repercussão e ação dos movimentos sociais e pesquisadores e pesquisadoras da Guerra do Contestado e da Civilização Cabocla. Nesse editorial, trazemos, ainda, um fragmento emitido por este editor, quando se denunciou os ataques ocorridos sobre o território e o povo caboclo, registrando, aqui, também, e correlacionado com os artigos desse volume da Revista *Geographia Opportuno Tempore*, a resistência dessa cultura formadora socioterritorial do Brasil e negligenciada pela Geografia e outras ciências humanas e sociais.

A segunda quinzena de agosto de 2019 foi marcada por muitas atividades socioculturais, artísticas e esportivas no município de Lebon Régis - Coração do Contestado. Começou com a 2ª Cavalgada Caminhos no Coração do Contestado, composta por mais de 70 cavaleiros e amazonas, seguida pela 1ª Caminhada Ecológica e Cultural no Coração do Contestado, tendo recebido mais de 200 caminhantes e culminou com a realização da V Semana do Contestado, cuja temática central foi “O Monge Profeta João Maria no Coração no Contestado”, eventos que receberam mais de seis mil pessoas entre 13 e 25 de agosto de 2019, sendo a maioria de jovens e crianças das rede estadual e municipal de educação. Tais eventos, fizeram com que este município realizasse a Maior Festa Cabocla do Brasil, repercutindo em toda a região e, mesmo, fora do estado. As Semanas do Contestado são realizadas desde 2015, pela Associação Cultural Coração do Contestado, Observatório da Região e da Guerra do Contestado, Prefeitura Municipal de Lebon Régis, Comunidade Escolar e Paróquia de Santo Antônio de Pádua, tendo como objetivo, o resgate, e a salvaguarda da cultura cabocla no município e na região do Contestado.

São cinco anos de realização ininterrupta das Semanas do Contestado em Lebon Régis, congregando milhares de pessoas envolvidas na divulgação e fortalecimento de laços com a história e a cultura regional cabocla do Contestado, trazendo reconhecimento, dignidade e aumentando a autoestima da população de origem cabocla na região, no estado de Santa Catarina e, mesmo, do Brasil. Se acrescentarmos os eventos realizados nas demais cidades caboclas da região, desde 2012, quando começaram as comemorações dos centenários da Guerra do Contestado, as discussões e os movimentos culturais e esportivos sobre o orgulho de se ser caboclo/cabocla se ampliou na região e é acompanhado pelas redes sociais em outros estados brasileiros. Cidades como Timbó Grande, Calmon, Matos Costa, Bela Vista do Toldo, Canoinhas, Mafra, Caçador, Santa Cecília e Curitiba, também, promoveram atividades alusivas aos 100 anos da guerra, ampliando o rompimento do silêncio e da invisibilidade deste tema da Serra Acima catarinense, bem como da cultura cabocla que precedeu a colonização europeia no estado.

Há todo um esforço regional para a aceitação de uma cultura cabocla pretérita à Guerra do Contestado e à recolonização das terras caboclas por imigrantes de origem europeia que adentraram a área logo depois da guerra. Mas há, ainda, na região do Planalto Norte e Meio-Oeste catarinenses, desde a primeira década deste século XXI, o esforço de grupos sociais e instituições pelo reconhecimento, pela revalorização e aceitação deste grupo humano - sua cultura e seu modo de vida -, pelas populações da região e mesmo do estado.

Os eventos, resumidamente, apontados acima, permitiram romper parte do silêncio e da invisibilidade social da população cabocla, seja nos municípios onde ela se encontra depositada nas periferias das cidades, tais como Caçador e Videira, por exemplo, ou mesmo nas cidades onde a maior parte da população é, de fato cabocla. São municípios com baixos índices de desenvolvimento humano - os da região do Contestado -, mas, mesmo nesses, a população de ascendência cabocla ocupa espaços menos valorizados na sociedade, sendo a maioria dos pobres e miseráveis da região – as melhores terras e os meios de produção estão centrados nas mãos das elites formadas pelos descendentes dos imigrantes europeus, em síntese, quanto menos branca a cor da pele do cidadão e da cidadã, mais empobrecido é o habitante do Contestado.

Essa população vive na região geográfica do Contestado e, até pouco tempo, no Vale do Contestado, região turística oficial do estado de Santa Catarina. Mas, o Vale do Contestado não existe mais, foi morto pelo olhar míope e ações de alguns burocratas dos fazeres de políticas públicas da região, pelos que defendem uma Europa em céus da América, uma terra branca e não cabocla. Triste, pelo fato de não entenderem que o turismo, mesmo enquanto produto, precisa ter alma, pois as pessoas viajam para conhecer e sentir a alma do lugar – de lugares com lastro de vidas, enraizamentos e territorialidades, caso contrário, iriam para parques temáticos.

O Vale do Contestado já faz parte do passado, assim como o povo tradicional caboclo da região e da Guerra do Contestado é passado. O Contestado insiste em ser passado. O Contestado pensado pela burguesia catarinense prefere o cheiro do mofo de uma epopeia de miseráveis que atravessaram o Atlântico e são brancos, a uma epopeia mais brasileira, que lhes dê lastro, ou um pertencimento real na terra manchada de sangue, que recebeu toda essa gente expurgada “dazorópa”, como diriam os guerreiros caboclos e as guerreiras caboclas nos anos de guerra e resistência pelo direito de viver na sua terra ancestral. As elites, a burguesia e a população colonizada-europeizada regional, só veem o Contestado e os caboclos e as caboclas, como fatos exóticos e fotografias de um passado que não pode fazer parte da alma do lugar onde vivem – o Contestado existiu, mas não pode existir. O Contestado se resume assim: aqui tudo pertence aos que vieram da Europa e seus descendentes colonizados mentalmente, pois esse chão tradicionalmente caboclo é uma Europa iluminada pelos céus da América, sem que muitos entendem que esta América se estende do Norte do Canadá até o Sul da Argentina. Nem vamos falar de Abya Yala, seria demais para as mentes que insistem em não se descolonizar.

Tais mentalidades e desconhecimentos, assim como preconceitos, ficaram explícitos no dia 04 de julho de 2019 (ironicamente, a mesma data comemorada como dia da independência durante o período de domínio estadunidense no Contestado), na cidade de Catanduvas (SC), na Assembleia Geral Extraordinária da Instância de Governança Regional do Vale do Contestado, composta de 69 municípios, quando reuniram-se representantes das 50 cidades da região para a escolha do novo nome do grupo turístico Vale do Contestado, para atualização do Mapa Turístico Brasileiro de 2019/2021. Conforme a ata desta assembleia, outras nomenclaturas foram propostas para suprimir a denominação Vale do Contestado, a saber, Vale das Etnias, Encantos da Natureza, Vale dos Imigrantes, Caminho do Imigrante e Encantos do Oeste – já estava selada a eliminação da denominação Contestado. Em uma votação final de consenso, o grupo eliminou a Região Turística Vale do Contestado, passando a chamar-se Região Turística Vale dos Imigrantes (ATA DA ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DA IGR DO VALE DO CONTESTADO, 2019, p. 3).

Por ironia ou deboche, consta na última linha da mencionada ata a seguinte frase: *sem esquecermos do nosso querido contestado*. Estava sepultada a existência do povo tradicional caboclo na sua própria terra e região geográfica – a Região do Contestado, território do genocídio caboclo promovido pela República, por Santa Catarina, pelo Paraná e pelas milícias contratadas pelos coronéis dos latifúndios regionais, agora entregue, definitivamente, aos descendentes de imigrantes europeus que reocuparam as terras caboclas depois do massacre do início do século XX. Pouco mais de cem anos depois da Guerra do Contestado, venceu a soberba e a arrogância dos donos daquele território, os brancos, que querem ser uma referência turística tal qual o Vale do Itajaí e a Serra Gaúcha, ou seja, europeus que comem aipim e bebem chimarrão.

Mas o Contestado seguirá existindo e resistindo, pois a região é formada por uma população cabocla, cujas raízes mais distantes aparecem em 1542, quando da passagem do explorador espanhol Cabeça de Vaca e seguiu, depois, fazendo parte do movimento tropeirista, caracterizado como um dos maiores ciclos da economia e da formação territorial de longa duração do Brasil, e se estendeu desde final do século XVII até o século XX. O povo caboclo sobreviveu, ainda, a partir da implantação da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (EFSPRG), cujo capital imperialista estadunidense foi responsável pelo extermínio da maior parte das gentes caboclas daquele sertão que, posteriormente, entregou suas terras para companhias de colonização que trouxeram sujeitos alemães e italianos de colônias sul-riograndeses e do litoral catarinense. Também houve a entrada de europeus da Alemanha,



Itália, Polônia, Ucrânia e de outros lugares do Velho Mundo, que adquiriram as terras manchadas do sangue caboclo. Desde então, o povo caboclo segue lutando pelo direito de existir na sua região do Contestado, mesmo estando às sombras da sociedade opulenta regional, nas favelas, em barracos, nos piores lugares da região e, claro, servindo de mão de obra barata para os capitalistas regionais – essa gente preta não pode ser produto turístico regional, pois mancha a falsa Europa do Contestado.

Desejamos a Todos e Todas uma excelente leitura.

Nilson Cesar Fraga – editor

### **Referências necessárias e extraordinárias para um editorial:**

#### **ATA DA ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DA INSTÂNCIA DE GOVERNANÇA DO VALE DO CONTESTADO, Catanduvás, SC, 2019.**

FRAGA, Nilson Cesar. **Contestado em guerra: 100 anos do massacre insepulto do Brasil** Florianópolis: Insular, 2012.

FRAGA, Nilson Cesar. **Contestado, o território silenciado.** Florianópolis: Insular, 2009.

FRAGA, Nilson Cesar. **Contestado: A grande Guerra Civil Brasileira.** In \_\_\_\_\_. Paraná Espaço e Memória. Diversos olhares histórico-geográficos. Curitiba: Editora Bagozzi, 2005.

FRAGA, Nilson Cesar. **Contestado: cidades, reflexos e coisificações geográficas.** Florianópolis: Insular, 2016.

FRAGA, Nilson Cesar. **Contestado: redes no Geográfico.** 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2017.

FRAGA, Nilson Cesar. **Mudanças e permanências na rede viária do Contestado: uma abordagem acerca da formação territorial no sul do Brasil.** 2006. Tese (Doutoramento em Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

FRAGA, Nilson Cesar. **Território e silêncio.** Contributos reflexivos entre o empírico e o teórico. In FRAGA, Nilson Cesar. (Org). Territórios e Fronteiras: (Re) Arranjos e Perspectivas. Florianópolis: Insular, 2011.

FRAGA, Nilson Cesar. **Vale da Morte: o Contestado visto e sentido.** Entre a cruz de Santa Catarina e a espada do Paraná. Blumenau: Ed. Hemisfério Sul, 2010.

FRAGA, Nilson Cesar. **Turismo de Guerra: a possibilidade de novo tipo de turismo para o Brasil.** Marco Inicial – Guerra do Contestado (1912-1916). Curitiba: Revista PerCurso – Curitiba em Turismo, a. 1, n. 1, p. 43-76.

INSTÂNCIA DE GOVERNANÇA VALE DO CONTESTADO. Disponível em: <https://igrvaledocontestado.wordpress.com/page/3/>, acessado em 26 de agosto de 2019.

**PLANO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL DE TURISMO DO ESTADO DE SANTA CATARINA – Vale do Contestado – 2010/2020, Santa Catarina Turismo S/A, Florianópolis, 2009.**

RENK, Arlene. A colonização do oeste catarinense: as representações dos brasileiros. **Cadernos do CEOM**, ano 19, n. 23, p. 221-258, 1991.

SANTUR - **VALE DO CONTESTADO** - DESCUBRA SANTA CATARINA.  
Disponível em: <<http://turismo.sc.gov.br/destinos/vale-do-contestado/>>, acessado em 17 de julho de 2019.

SEYFERTH, Giralda. **Colonização, imigração e a questão racial no Brasil**. REVISTA USP, São Paulo, n 53, p. 117-149, março/maio 2002.